

A Ecologia como parâmetro da Geopolítica – O legado de Bertha Becker no Campo dos Estudos Ambientais na Amazônia

Ecology as a parameter of Geopolitics - The legacy of Bertha Becker in the Field of Environmental Studies at Amazon

Diógenes S. Alvesⁱ

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
São José dos Campos, Brasil

Resumo: Traçamos reflexões sobre o legado de Bertha Becker em nossas parcerias no Instituto de Pesquisas Espaciais na institucionalização de programas sobre a Amazônia. O envolvimento de nosso Instituto se iniciava com questões das ciências naturais ou técnicas, mas frequentemente condicionado por questões políticas e programáticas amplas. Bertha com suas ideias que nos deu referências para pensar nossos programas além de domínios de organização mais estritamente técnicos ao levantar questões sobre diferentes opções para introduzir o elemento humano em nosso campo de pesquisas. Ela colocaria em relevo a natureza política da temática das *dimensões humanas* das mudanças globais, em uma perspectiva que, até hoje, permanece original em nosso campo; ela permitiria dar maior relevância às condições políticas e sociais na própria Amazônia.

Palavras-chave: Bertha Becker, Geopolítica, Amazônia, Ecologia

Abstract: This article presents the legacy of the involvement of Bertha Becker in partnerships with the Instituto de Pesquisas Espaciais which resulted in the institutionalization of programs on the Amazon. The Institute usually is involved in issues from the perspective of the natural sciences but which are often subject to political and programmatic constraints. Bertha's ideas opened our horizons beyond biophysical techniques and stimulated us to think about how to introduce the human dimension into our field of research. Her emphasis on the political side of the *human dimensions* of global change is still novel for us today and permits giving greater relevance to political and social issues in the Amazon.

Keywords: Bertha Becker, Geopolitics, Amazon, Ecology.

A Amazônia e “a Geografia como Ciência Política”

Entender o legado de Bertha Becker não é tarefa simples, pois ele se insere em meio às transformações por que o Brasil passou durante mais de meio século.

Poderíamos, para começar, acompanhar a história da Universidade do Brasil, onde a estudante Bertha se graduou pela Faculdade Nacional de Filosofia, para ser, cinco

ⁱ Instituto de Pesquisas Espaciais. dalves@dpi.inpe.br

décadas mais tarde, professora emérita de um Departamento de Geografia pertencente ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Outro ponto de partida poderia ser o protagonismo de Bertha em uma época em que a consolidação de nossa academia se confundiria com as próprias fundações do Brasil de hoje, quando a institucionalização da universidade e do campo científico e tecnológico se defrontaria com os problemas dos números modestos de professores e instalações, de oferecer respostas para o desenvolvimento econômico e social e da ordenação do território, das rupturas políticas e institucionais, da recorrência desses problemas em cada nova fronteira aberta. Poderíamos, igualmente, tomar como fio condutor o próprio tema da fronteira, tão expressivo em um país em construção e em transformação, e que foi tão caro a Bertha (Becker, 1990; 1993).

As referências que Bertha nos legou são várias, mas o que conheço delas é pouco, é limitado apenas ao mais recente. Estas reflexões se inspiram nas contribuições que ela passou a nos oferecer quando, a partir do fim da década de 1980, nosso Instituto e seu Ministério buscavam caminhos para institucionalizar alguns programas sobre a Amazônia¹ e começamos a ter mais contatos com ela. Esse processo de institucionalização ainda está em curso e nossos estudos e projetos raramente puderam contar com reflexões críticas aptas tanto para sua concepção como para sua avaliação. Nossas reflexões sobre a contribuição de Bertha poderiam começar por aí, pelas ideias que nos ofereceu e que nos deram referências para pensar nossos programas além de domínios de organização mais estritamente técnicos, que tínhamos mais inclinação para tratar.

Em um primeiro momento, é possível que esperássemos que uma geógrafa nos ofereceria alguns fundamentos disciplinares, quem sabe quase técnicos, para nossos estudos na Amazônia. Sabíamos que a disciplina tinha o privilégio de uma história de congregação de especialidades físicas e humanas diferentes e esperávamos que suas referências espaciais deveriam ser as mesmas de nossos problemas mais “físicos” do clima, da ecologia, e mesmo da observação do desmatamento. As contribuições de Bertha, neste caso, poderiam estar relacionadas à nossa predisposição para absorver e interpretar referências no contexto espacial, inerentes aos estudos que desenvolvemos; também parece possível que, de alguma forma, acreditássemos que todos fôssemos geógrafos seguindo alguma forma de intuição.

Há, entretanto, dois aspectos de sua contribuição de que não teríamos podido suspeitar de alguma forma espontânea ou intuitiva e que quero postular entre seus legados mais valiosos para nós: o entendimento da *“grafia da Terra não como descrição, mas design, desenho e projeto; não em uma condição estática, mas sim em contínua remodelação; não apenas a ser descoberto, mas sim também, a ser socialmente construído”* e *“a opção pela Geografia não apenas com ciência da natureza ou ciência social, mas sim como ciência política”* (Becker, 1993; grifos meus). Esses aspectos se mostravam, na concepção de Bertha, inseparavelmente imbricados: falar de um projeto de construção do Brasil e refletir sobre o país em *“contínua remodelação [...] a ser socialmente construído”* significava colocar em evidência as dimensões políticas desse projeto; não menos importante, esses princípios também pressupunham uma opção política por *“crescer por uma via de integração socialmente justa, capaz de respeitar a diferença”* (Becker, 1993). Essas ideias extrapolavam em muito a ênfase nos aspectos mais técnicos e naturalistas de nossos programas, e, ao mesmo tempo, ofereciam referências valiosas sobre

como situá-los diante das diferenças e disparidades que encontraríamos trabalhando na Amazônia.

Minhas melhores oportunidades de colaboração com Bertha ocorreram no período entre 2000 e 2007, no contexto de programas científicos internacionais das dimensões físicas, químicas e ecológicas das mudanças ambientais globais (e.g. Becker *et al.*, 2007). Nessas ocasiões, comecei a perceber que sua concepção de geografia poderia servir para ampliar a temática de nossos programas. Ela poderia permitir, em particular, entender melhor a natureza interdisciplinar de nossos estudos ao levantar questões sobre diferentes opções para introduzir o elemento humano em nosso campo de pesquisas; ela colocaria em relevo a natureza política da temática das *dimensões humanas* das mudanças globais, em uma perspectiva que, até hoje, permanece original em nosso campo; ela permitiria dar maior relevância às condições políticas e sociais na própria Amazônia, ao postular a necessidade de “respeitar a diferença”.

O Preço dos Modelos é a Eterna Vigilância

Muito além de nos apresentar conceitos de sua disciplina, de que tentaríamos legitimamente nos apropriar para explorar as dimensões geográficas de nossos problemas ou para integrar a Geografia às nossas abordagens sistêmicas, Bertha Becker nos expunha constante e deliberadamente a seu método de olhar para a transformação do espaço geográfico a partir de sua concepção política para sua ciência.

Terminei por acreditar que era a partir desse posicionamento que ela participava de nossas infundáveis discussões programáticas sobre o papel da ciência diante dos desafios colocados pela Amazônia, em que nossa ênfase metodológica e programática estaria na abordagem sistêmica. Bertha declarava que “o preço do uso de modelos é a eterna vigilância”, apontando para um desafio metodológico duplo: de um lado, os modelos podem ser usados considerando-se que “são sistemas simplificados correndo o risco de se distanciarem da realidade”; de outro, era necessário saber reconhecer como desafio fundamental o de “compatibilizar a expansão econômica com os princípios da sustentabilidade social e ambiental” (Becker, 2001; grifos meus). Esse alerta não era uma crítica concebida na perspectiva de um jogo de soma zero, ele não procurava demonstrar que modelos eram desnecessários ou que as simplificações de nossa abordagem sistêmica eram inaceitáveis. O que estava em questionamento não era a verossimilhança das “previsões”, mas sim as opções pelos objetos e objetivos do projeto nacional e de deliberação.

Aos poucos, fui formando uma percepção de que as contribuições e a dedicação que Bertha nos oferecia eram oferecidas incondicionalmente, porém, eram irredutivelmente engajadas. Seus engajamentos disciplinares partiam de sua concepção política da Geografia; seus engajamentos diante de nossa problemática ambiental eram orientados pela valorização das dimensões políticas “[d]os princípios da sustentabilidade social e ambiental” e pela proposta de tomar a “*Ecologia como parâmetro geopolítico*” (Becker, 1996; grifo meu).

O Resgate da Geopolítica Diante das Questões Ambientais

Insistir nas dimensões políticas da Geografia, para Bertha Becker, significava conceber uma Geografia Política que, de um lado, permitisse “compreender ... a posição

do Brasil no mundo”, e, de outro, promovesse “o resgate da Geopolítica”, para melhor entender a “instrumentação do território pelo Estado [para] rápida e conservadora modernização” e a “dimensão territorial do desenvolvimentismo” (Becker, 1993).

Há pelo menos três traços dessa concepção que ficariam cada vez mais evidentes ao longo de nossas interações: sua preocupação com o caráter e “a estrutura transiciona[is] do Estado brasileiro”; o papel das inovações tecnológicas no bojo do próprio projeto de modernização conservadora; e, na Amazônia, o surgimento de novos atores no jogo político historicamente disputado entre o Estado central e as elites regionais (Becker, 1996). Durante nossas discussões e troca de ideias, comecei a entender como esses pressupostos influenciariam sua concepção da “Ecologia como parâmetro geopolítico”, e daí, seus engajamentos diante de nossa problemática ambiental.

Sua proposta de promover *o resgate da Geopolítica* apontava, antes de mais nada, para o problema de entender quais os atores e quais seus papéis tanto diante das opções de projeto nacional quanto de disputa de poder. Sua concepção da *Ecologia como parâmetro geopolítico* colocava a problemática ambiental como nova força mobilizadora no campo da Geopolítica, que incorporaria novos atores e novas forças ao jogo político tradicional, realinharia forças, mas não diminuiria a relevância do problema do projeto nacional e de suas dimensões políticas.

Ajudar-nos a perceber a necessidade de valorizar as dimensões políticas da temática ambiental pode ter sido um dos maiores legados de Bertha Becker para nosso campo. De forma mais imediata, esse legado nos leva a reconhecer que precisamos procurar continuamente por abordagens válidas para tratar das dimensões políticas de nossos projetos, parcerias, das formas de institucionalização de nossas pesquisas e dos nossos modelos de interação ciência-sociedade. Em contexto mais amplo, acredito que ele nos coloca diante de desafios interdisciplinares que permanecem e permanecerão atuais por transcenderem as dimensões institucionais e técnicas que já conhecemos e colocarem as questões ambientais em uma perspectiva de “*contínua remodelação*”.

De fato, da mesma forma que sua proposta de resgatar a Geopolítica implicava ampliar o entendimento do que constitui a Geografia, considerar as dimensões políticas da temática ambiental continua a oferecer um ponto de partida importante, tanto para tratar de problemas de institucionalização no campo científico-tecnológico, como para refletir sobre o que pode, finalmente, representar a ciência – e suas diferentes possibilidades de articulação interdisciplinares – diante das questões do desenvolvimento e sua relação com as questões ambientais.

As reflexões apresentadas são limitadas por uma colaboração efêmera, que não me permitira falar de uma parte significativa do muito que Bertha Becker nos deixou. Assim, é fora de um domínio estritamente temático ou disciplinar que quero concluir, postulando que todos os que trabalhamos com Bertha compartilharemos sempre a lembrança de sua personalidade viva, que nos motivava a refletir continuamente sobre nossos problemas sob novos e inusitados ângulos. Provavelmente, essa lembrança é nosso grande legado comum. Certamente, é o que nos motivará a persistir nas reflexões sobre a importância de seu trabalho.

Referências Bibliográficas

BECKER, B.K. *Amazônia*. São Paulo: Ática, 1990.

BECKER, B.K. *Memorial acompanhando o requerimento de inscrição em Concurso para provimento do cargo de Professor Titular no Departamento de Geografia* (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências), 1993.

BECKER, B.K. Significado geopolítico da Amazônia. Elementos para uma estratégia. In: PAVAN, C. (org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. São Paulo: Memorial/Editora da UNESP, 1996, p. 187-203.

BECKER, B.K. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? *Parcerias Estratégicas*, 12, p.135-159, 2001.

BECKER, B.; ALVES, D.; COSTA, W. (orgs.) *Dimensões humanas da biosfera-atmosfera da Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2007.

Recebido em: 27/11/2013 Aceito em: 6/12/2013

¹ Esses programas eram representados principalmente pelo Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), pelo Subprograma de Ciência e Tecnologia do Programa-Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (SPC&T/PPG7), pelo *Large-Scale Biosphere-Atmosphere Experimento in Amazonia* (LBA), e pelo projeto de levantamento de áreas desflorestadas do INPE (PRODES). O envolvimento de nosso Instituto se iniciava com questões das ciências naturais ou técnicas, mas era frequentemente condicionado por questões políticas e programáticas amplas, que incluíam o tema chamado de dimensões humanas das mudanças ambientais nos grandes programas internacionais de pesquisa ambiental, as questões sociais e políticas da ordenação do território, as disparidades inter-regionais que se estendem ao campo científico e tecnológico, e as contingências políticas relacionadas ao acordo internacional do PPG7, ao desmatamento na Amazônia, e à institucionalização da questão ambiental no Brasil. Bertha Becker ofereceu-nos, de forma engajada, contribuições em todos esses domínios.

